

O EMIGRANTE NA LITERATURA PORTUGUESA

Comentário

Hennio Morgan Birchal*

Tenho de começar exprimindo o meu orgulhoso prazer e a mi nha surpresa por estar aqui. O orgulho deve-se à excelência do lu - gar, como é fácil depreender. O prazer, porém, já merece explicado, e decorre da agradável companhia, as ilustres colegas Ivana e Letí - cia, cuja merecida ascensão nas letras e no magistério tenho tido o prazer de acompanhar.

Já a surpresa é a seguinte: como pode alguém que até hoje mal se afastou da rua Antônio de Albuquerque, vivendo na própria e mesma casa em que se criou, pretender falar de emigrantes, gente que teve coragem de cruzar oceanos e palmilhar longes terras?

Mas um convite de nossa Diretora, Lélia Parreira Duarte, que me tem igualmente merecido atenta admiração, é indeclinável co - mo uma ordem.

Finalmente, como não confessar que eu iria rever coisas da literatura portuguesa, para mim tão indevidamente alijada do ensino de 2º Grau, onde milito?

Com tantos móveis afetivos, espero ficar justificado de não ter produzido propriamente uma discussão da conferência da Profa. Ivana Versiani. Trago minha colaboração pessoal, apegando-me a cate - gorias literárias. Tento estabelecer a contribuição da temática da emigração para enriquecer ou alargar a literatura portuguesa. às ve zes, porém, tento justificar, com minha perspectiva, algumas difi - culdades apontadas por minha colega nos livros em questão.

Começando por certa ordem cronológica nos pontos tratados, viria em primeiro lugar o modelo de personagem chamado "o brasileiro!"

No século passado, separados em duas nações o Brasil e Por - tugal, a presença do cidadão português no Brasil vai passar por um processo de maturação que deságua na figura do "brasileiro" consagra da por Camilo Castelo Branco. Na novela camiliana, porém, montada co - mo é nos "tipos" da sociedade, o "brasileiro" personifica apenas a es - tupidez ou primarismo do burguês endinheirado, e serve à crítica ro - mântica dos casamentos de conveniência. Tal papel do Feliciano da

* Professor Efetivo de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Escola Estadual Governador Milton Campos e do Colégio Militar de Belo Horizonte.

Brasileira de Prazins, cuja mulher, Marta, chega a enlouquecer e do Bento do *Eusébio Macário* e de *A Corja*, que vê sua Custódia fugir com outro.

A condição do emigrante é tratada então de fora, sem desenvolver a aventura do enriquecimento no Brasil

Concordo com minha colega em que essa sátira, essa minimização do "brasileiro" se explique por um mecanismo de compensação do povo, antes metropolitano, em face da perda da grande colônia. E Camilo é porta-voz dessa atitude, que lhe calha ao estilo cáustico.

No nosso século, as circunstâncias históricas e a evolução do gosto projetam na literatura portuguesa o emigrante propriamente dito. O endurecimento das condições de vida vai tornar o aspecto económico o núcleo do enfoque. Embora outras intenções e aspectos possam também interessar, definindo até algumas obras, acompanhar-se-ão não já o enriquecimento, mas o empobrecer da personagem central.

É isso faz enquadrar logo como sociais - e até comprometidas - as obras que nos interessam. Tal classificação parte de *Emigrantes* a obra intencionalmente elaborada dentro do tema. Mostra ela que na própria origem a emigração é estimulada como fonte de riquezas para o país. A figura do agente de passagens, Evaristo Nunes, ilicitamente enriquecido na exploração dos pobres emigrantes, é bem aceite pelos meios oficiais. A *Selva* tem uma ponta, até, de "engagê", no facto de ser Alberto um exilado político - No *Diário dum Emigrante* o social se cifra na denúncia do distanciamento das classes, sem impedir embora uma ligação amorosa entre um pequeno comerciante e uma burguesa "quatrocentona"; Maria Teresa. No *29 Dia da Criação do Mundo*, Torga propõe a questão social adentro da família. O desnível financeiro dificulta ou impede a integração do sobrinho junto aos tios. A tia persegue Mário, no ódio vê nele um herdeiro dos bens do casal. E com a atitude absenteísta do tio fazendeiro, que prometera fazer dele um homem, é o rapaz cumulado de obrigações e responsabilidades. Observe-se que *A Criação do Mundo* é a única história em que o emigrante fica vivendo com a própria família.

Já em Rodrigues Miguéis o social ameniza-se, pois o autor aceita a hipótese do êxito financeiro de algumas personagens. Trata-se de efeito do palco dessa emigração, realmente mais rico, a América do Norte. Se podemos chamar social à ficção emigratória de Miguéis - por suas personagens plebéias - entretanto seu aspecto comprometido situa-se na apologia do sistema capitalista desenvolvido. O Cosme de Riba-Douro, sua personagem-título mais elaborada, ex-barqueiro

do Douro por atavismo, conquista relativa independência econômica em Tio Sam, e vem a morrer na 2a. Guerra Mundial, como voluntário.

E como enriqueceram esses romances a literatura portuguesa? Ampliando variamente o então vigente neo-realismo lusitano.

O neo-realismo caracteriza a ficção portuguesa dos anos 40 e 50. Citam-se Alves Redol e Manuel da Fonseca como líderes mais ortodoxos. Manuel da Fonseca, com *Aldeia Nova*. Redol, começando com *livros* de menor fôlego, como *Fanga*, desenvolvendo-se na trilogia do *Vinho do Porto*, e condensando-se na *Barca dos Sete Lemes*, sagã das situações diversas de um camponês alentejano, vividas até fora de Portugal. Mas também o Fernando Namora de *Casa da Malta*, *O Triço* e *o Joio* e *Minas de São Francisco*, bem como o Miguel Torga de *Vindima* e de *Contos da Montanha* se podem considerar atados pela corrente neo-realista.

Os traços definidores são o regionalismo rural, a paisagem nortenha e a denúncia de suas condições de trabalho.

O tema do emigrante amplia o neo-realismo, não só no sentido da paisagem física - que vai muito além dos socacos envideirados do Douro e dos outeiros beirões ou alentejanos - senão também na paisagem social e humana. E uma consequência são ainda analogias de técnica narrativa: a pluralidade de personagens, o registro de sua vida em amplas comunidades, seu envolvimento em conturbações políticas, como nos *Emigrantes* de Castro, fazem-no associar, enquanto romance de multidão, à *Vindima de Sangue*, fecho épico do *Vinho do Porto*, de Redol, com sua marcha do povo em revolta.

Ferreira de Castro, Joaquim Paço d'Arcos e Miguel Torga dão nos explícitos afrescos de sítios ou localidades brasileiras. A chegada por mar ao Rio de Janeiro (*Emigrantes, Diário dum Emigrante*); a Praça Mauá e adjacências (*Emigrantes*); a descontração do Rio e o clima opressivo de São Paulo (*Diário dum Emigrante*); as amplas distâncias sob o céu aberto do sul de Minas (*29 Dia da Criação do Mundo*), jogando assim ora uma nova feição cidadina sobre aquelas já consagradas do Porto ou de Lisboa, ora um novo agreste sobre o escarpado das serras da Estrela ou do Marão. E que dizer das magníficas descrições d'*A Selva* em que a grandeza acabrunhante da floresta, a partir do próprio título toma para si a condição de protagonista da história?

E se as descrições do Brasil fazem uma oposição geográfica às paisagens portuguesas, por seu tropicalismo, o cenário dos textos de Rodrigues Miguéis, traz para a literatura portuguesa atual o encontro com o mundo anglo-saxão, e mostra boas hipóteses de convivência dos mundos étnicos opostos.

Em suas observações sobre os romances, mostra Ivana Versiani que geralmente as personagens não se integram no novo ambiente (no caso o Brasil). Não se desvanece a saudade de Portugal nem a idéia do retorno.

Outro fato, o desmentirem o moto: "Navegar é preciso, viver não é preciso".

Procurando justificar tais itens, proponho a perspectiva da natureza dessas obras. Se são romances e contos portugueses de emigração, o ponto de vista é o da literatura portuguesa. Fossem as personagens absorvidas pela terra de destino, chegando a nela se fixarem, em nunca retornar, passariam eles a romances e contos de imigração, um tema então oferecido aos autores brasileiros. Veja-se como a Canaã, de Graça Aranha, construído à base das condições de adaptação dos imigrantes alemães no Paranã - com as personagens-paradigma Milkau (6.º adaptado) e Lentz (o inadaptado) - é bem a contrapartida dos romances portugueses em pauta.

Quanto ao navegar e ao viver, era mesmo inevitável que o exame de obras objetivas e despojadas, quais são romances sociais, perturbasse a fidelidade a uma divisa de alta poesia. Alta poesia, pelo menos enquanto inspirou ao Poeta o seu lema: "Viver não é necessário; o que é necessário é criar".

Há ainda alguns pontos, relativos à estrutura da narrativa, sob os quais considerar esses livros. Um deles, o estrato lingüístico. Neste campo as letras portuguesas são pouco experimentais. Expressando-se no próprio berço do idioma, não se lhes depara, aos escritores lusos, o problema da língua nacional. Daí estarem as obras de que tratamos no português literário comum. Os Emigrantes, porém, registram a fala popular brasileira, nos discursos diretos da Benvinda, a escrupulosa mulata amante do Manuel da Bouça:

"Os portugues: num si dão nas fazendss. Nas lojas é qui estão mêmo bem. Seu Manuê deve i prá cidade, qui num quero ficã cum a culpa di você estragã a sua vida. Dipois você mi esquece. Tudo si esquece..." (Emigrantes, 13.ª Edição, pág. 198).

E já que Benvinda é ou deve ser paulista, podia-se pesquisar até onde sua fala corresponde à do dialeto caipira, recolhido por Amadeu Amaral. Por mim, estou desconfiando de tantas concordâncias certas.

Já o Manuel da Bouça fala tão correta e quse ricamente, que levei o maior susto quando, ao chegar ao Brasil, confessa ser analfabeto.

Soubessem os meus e os nossos alunos um tico do português do Manuel!

Outro item seria o que hoje chamamos ponto de vista. Trata-se de romances auto-biográficos, pois os autores viveram o que narram. Entretanto, Ferreira de Castro escreve em 3a. pessoa, e os demais em 1a. Dos romances de Ferreira de Castro pode-se dizer que, sendo os mais reformistas, a onisciência da narrativa em 3a. pessoa lhes propicia melhor o caráter social. Assim, sobretudo em "EMIGRANTES", o autor às vezes distrai-se do Manuel, para traçar cenas e fatos de que ele está ausente. Já em "A SELVA", o autor se confunde mais com Alberto. Não será por ter sido mais diretamente vivida sua experiência amazônica?

Nos contos de Miguéis varia o ponto de vista, que inclui a 3a. pessoa em *O Viajante Clandestino* e em *Arroz do Céu*. Mas prevalece a 1a. pessoa, não porém encarnada no protagonista, e sim no narrador que anota vidas alheias. A nos lembrar o Fernandes, que n' *A Cidade e as Serras* vai-nos descrevendo as aventuras do amigo fidalgo, Jacinto de Tormes. Essa particularidade técnica, na verdade ampliando ou socializando o campo visual, é que torna mais significativos o *Natal Branco* o *Cosme de Riba-Douro* e o conto-título do livro, *Gente da Terceira Classe*

Na *Criação do Mundo* parece-me, temos a 1a. pessoa, sem maiores conseqüências.

Caso interessante está no *Diário dum Emigrante*, de Paço d'Arcos. A técnica do diário leva naturalmente à narrativa de 1a. pessoa. E esta, enfim, bem convém ao livro, que consiste numa história de amor proibido. É a graduação, desde os primeiros "flirts" do par amoroso de condições sociais e estados civis diferentes, até seus encontros secretos no depósito dos antiquários, a propósito mobiliado. A expectativa angustiante desses encontros vem a ser o clímax da obra. Eu diria que justamente a feliz associação da técnica narrativa de 1a. pessoa, com o tema passional, é que salva o livro de parecer anacrônico em seu franco romantismo. Assaltam-nos ao lê-lo ecos do *Werther* de Goethe (pela técnica narrativa, que neste é epistolar) e do "*Primo Basílio*" (pela parte dos encontros), livros esses cronologicamente extremos no romantismo como escola. Há no "*Diário*", pois, todo um envolvimento subjetivo, mesmo antes ou depois do episódio amoroso Pedro Manuel - Maria Teresa, uma vez que a base de trabalho do autor é a análise psicológica. Onde fazer, pois, o registro do modernismo brasileiro em tal romance?

O tema do emigrante, entretanto, não se esgota com as obras aqui mencionadas. Há o caso da emigração moderna para a África, já sugerida por Eça de Queirós, no final da *Ilustre Casa de Ramires*. Gonçalo, desiludido com Portugal, passa quatro anos na África, Zambézia.

Na literatura ultramarina, das colônias ou ex-colônias africanas ou orientais, há de se encontrar variados perfis de emigrantes. *O Homem do Chapéu*, conto do médico angolano residente em Luanda, Ernesto Cochat Osório, e inserido numa Antologia do Conto Ultramarino, de Amândio César, escritor e jornalista metropolitano, vem a ser quase um resumo de *Emigrantes* de Castro. Mas o herói sucumbe à febre, só tendo conseguido adquirir na terra agressiva o chapéu que, de torna-viagem e rico, seria a prova de sua ascensão social, de sua "senhoria"

Também Joaquim Paço d'Arcos, em contos e nos romances da *Crônica da Vida Lisboeta*, apresenta-nos vários "africanos", geralmente alquebrados. Não seriam os substitutos dos "brasileiros", apenas influenciados pelo realismo social da ficção moderna?

Há ainda, a incluir, o romance *Uma Aventura Inquietante* de Rodrigues Miguéis. Zacarias de Almeida, português enriquecido em África e radicado na Bélgica, onde aliás perde a fortuna em investimentos, vem a ser preso, espancado, posto em solitária ou "segredo", sob acusação do assassinio de uma russa de posses, a Piorkowska. O nosso tema ganha, com essa "Aventura", um romance policial de fino humor.

Estas as considerações que me foi possível fazer sobre o tema proposto, e devem possuir algum mérito, aquele decorrente de se terem inspirado na conferência da Profa. Ivana Versiani.